

de sua própria sobrevivência? Talvez possamos defender tal hipótese. De qualquer modo, ele demonstrou estar adequado ao meio em que cresceu no período de cinco a doze anos. Contudo, do ponto de vista do saber civilizado, Vitor deparou com um enorme universo que lhe exigia novos valores, comportamentos e forma de se comunicar. Nesse sentido, o jovem apresentou um agravante: o fato de não conseguir falar, fato este que representou um obstáculo à sua integração à sociedade que o gerou, embora também enfrente esse mesmo obstáculo qualquer outro que careça da habilidade de fala até mesmo nos dias atuais. Se o saber deve estar relacionado com o “para quê?”, podemos dizer que para a selva seu conhecimento atendia a todos os apelos de suas necessidades. Para a civilização, que inclusive lhe criara novas necessidades, seu conhecimento se revelava completamente insuficiente, exigindo-lhe novos saberes que lhe restituíram a sensação de segurança e conforto neste novo ambiente.

Embora incomum à literatura daquela época, o texto fica a nos dever a continuidade da história de Vitor. Justamente no desabrochar do jovem o autor suspende o relato, deixando-nos um vazio sobre os rumos de sua vida. O fato é que Vitor se torna um personagem cativante no relato de seu médico Jean Itard. Impossível não torcer para que ele vença na cultura civilizada. É uma história que nos leva quase para a esfera das fantasias ficcionais, não fora pelos dados factuais fornecidos por Lucien Malson, que torna de maior acesso o relato produzido por Jean Itard no início de 1800, que alcançou amplitude pública internacional pela primeira vez através da UNESCO, em 1961.

Referências bibliográficas

- VYGOTSKY, L.S., (1981). The instrumental method in psychology. In: WERTSCH, J. V. (org.). *The concept of activity in soviet psychology*. New York: M. E. Sharpe.
- LEVINA, R.E. (1981). Vygotsky's ideas about the planning function of speech in children. In: WERTSCH, J.V. (org.). *The concept of activity in soviet psychology*. New York: M. E. Sharpe.
- PINO, (1990). O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Cadernos CEDES*, 24, São Paulo: Cortez.

Walkyria Monte Mór

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Oliver Sacks. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 335 p.

Oliver Sacks nasceu em Londres, em 1933, é neurologista, pesquisador e professor de neurologia clínica no Albert Einstein College of Medicine em Nova York. É autor de várias obras, entre elas *Enxaqueca* (1970), *Despertando* (1974), *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu* (1986) e a obra aqui resenhada, *Um antropólogo em Marte*.

Trata-se de uma narrativa sobre sete casos clínicos: o caso de um pintor de 65 anos que, num acidente automobilístico, sofreu uma concussão cerebral, razão pela qual desenvolveu um quadro de daltonismo; o caso de um rapaz portador de lesão cerebral

secundária a um tumor benigno, retirado cirurgicamente em estágio avançado, apresentando como seqüela cegueira e lapso de memória; um médico cirurgião portador da Síndrome de Tourette, caracterizada por tiques compulsivos, mímica involuntária, ecolalia, ecopraxia e corprolalia; o caso de um homem que, após 45 anos de cegueira, retira cirurgicamente a catarata e retoma a visão; o caso de um pintor renomado que desenvolveu esta habilidade após um quadro de febre e delírios — o diagnóstico nunca ficou claro —, suas pinturas eram precedidas por imagens precisas da sua vida na infância; o caso de um garoto portador de autismo e um talento especial para memória visual e reprodução gráfica; o caso de uma professora universitária, cientista, também portadora de autismo.

O que nos parece importante considerar é que, embora a princípio os casos sejam distintos, podemos detectar, encontrar linhas comuns entre os estudos, não só no que se refere à natureza dos quadros (distúrbios neurológicos) mas fundamentalmente nos mecanismos de compensação humana ante uma situação adversa.

O autor trata de situações “limítrofes”; no entanto, suas reflexões não nos conduzem ao relativismo entre normalidade e anormalidade, mas sim à capacidade humana de construir vias alternativas e atribuir novos significados (mecanismo comum a todos, mas realizado através de meios específicos e únicos para cada um) em confronto (e interação) com uma realidade sócio-histórica, determinada culturalmente.

Em casos patológicos, decorrentes de doenças neurológicas ou retardo mental, o potencial de adaptação pode sofrer alterações. Segundo Vygotsky (1993), seria um

erro pensar que os processos de compensação sempre resultam em um sucesso, ou seja, que um defeito se transforma, invariavelmente, numa nova habilidade; existe uma possibilidade gradual entre o sucesso e o fracasso. Os casos descritos evidenciam esta proposição, seja através das diferenças de níveis e áreas de acometimento, ligadas ao substrato neurológico potencial, seja através de diferentes circunstâncias de vida a que os sujeitos foram submetidos.

Tentaremos elucidar como ocorrem os mecanismos de compensação ante situações adversas. Braga (1995), num estudo clínico sobre a criança portadora de lesão cerebral, refere que a deficiência não é em si a mola propulsora desses novos caminhos de desenvolvimento, e sim as dificuldades derivadas daquela e suas repercussões nas relações sociais. Nesse contexto, muito do futuro dos indivíduos “defeituosos” depende das possibilidades que venham a ter na interação com o meio social.

No caso “Prodígios”, Sacks evidencia essa proposição explicitamente, quando lança mão de dados comparativos entre os *savants*. Questiona, entre outros fatores, o papel do “contexto social” no curso da história da vida desses indivíduos.

É importante compreender como o processo de mediação, que caracteriza a relação entre os homens e dos homens com o mundo, conduz e direciona a formação do pensamento. Vygotsky (1994) postula que a atividade do indivíduo pode ser mediada e é orientada pelo uso de instrumentos ou signos. Ambas são análogas na sua caracterização mas de natureza variada. Diferentes meios mediacionais podem resultar em

formas qualitativamente diferentes de funções mentais superiores.

O que é fundamental é o papel que esses artifícios desempenham no comportamento. No caso do “Pintor daltônico”, as alterações realizadas no ambiente, tipos de alimentos, sistema de classificação de roupas e objetos, podem ser compreendidas como artifícios externos mediadores que objetivam, auxiliam a reorientação de um comportamento interno, psicológico.

No caso “Ver e não ver”, podemos exemplificar outras formas de reorientação do comportamento. Enquanto um indivíduo cego, podemos inferir que o paciente desenvolveu uma capacidade diferenciada na utilização de seus órgãos sensoriais; após a cirurgia, os comportamentos do sujeito passaram a ser orientados também pelo sistema visual. No “conflito” de busca de reorientação do comportamento, o sujeito por vezes fecha os olhos para se organizar diante das tarefas do cotidiano.

Braga (1995) postula que cada tipo de deficiência encontra diferentes caminhos psicológicos porque os instrumentos psicológicos nos quais se apóiam são diferentes.

Um outro aspecto que nos chama atenção nos ensaios de Sacks é o papel do interlocutor sobre a evolução dos “pacientes” em específico. Embora o autor não tenha se aprofundado na análise dessa área, no caso “Prodígios” esse aspecto fica evidenciado. A terapeuta é capaz de estabelecer vias de comunicação e interação não convencionais com Stephen que, em certa medida, facilitam sua expressão e apropriação cultural. Este aspecto nos parece ser um exemplo de como o plano inter-subjetivo das relações pode modificar as formas de ação individual.

Ao tentarmos analisar os sete estudos de caso à luz das proposições da psicologia soviética, podemos cair no erro de simplificação de determinados conceitos que estão em questão, conceitos estes que são em si extremamente dinâmicos, singulares e ao mesmo tempo enraizados num determinado contexto histórico.

Luria (1992, p. 177) enfatiza que, lidando com pacientes, nunca devemos esquecer que o que está em jogo é uma vida humana individual e não uma abstração estática que, em sua média, comprova uma teoria. E é fundamentalmente nesse “terreno” que o autor desenvolve sua narrativa. Deixa claro que não existe uma única forma de “ser humano”, e não lança mão de uma abordagem mecanicista; ao contrário, postula o potencial humano de criação e transformação como profundamente individualizado e, ao mesmo tempo, orientado para adaptação social, orientado socialmente.

Nesse sentido, o caso do “Antropólogo em Marte” é bastante elucidativo. Trata-se do caso de uma pesquisadora, portadora de autismo, que tinha sérias dificuldades em vivenciar ou compreender relações inter-pessoais, de cunho afetivo. Embora não pudesse sentir, podia perceber a existência desse nível de relação e mesmo a expectativa social de determinados tipos de comportamentos nessa esfera. Passa então a observar reações humanas em diferentes contextos e, objetivando adaptar-se ao meio onde vive, passa a “imitar” certas reações compartilhadas entre os seres humanos. É bastante evidente que o comportamento da pesquisadora em questão é orientado internamente, a partir de um determinado contexto, com vistas a promover adaptação ao meio. O significado de “comportar-se socialmente”, nesse caso, fica bem

elucidado como de cunho extremamente pessoal.

Luria (1992), em um estudo sobre os fundamentos cerebrais da atividade psicológica, adota a proposição segundo a qual uma mudança no objetivo de uma determinada tarefa leva a uma mudança na estrutura dos processos psicológicos que levam a termo, ou seja, mudam os sistemas funcionais do cérebro que dão apoio à atividade.

Por um lado, essa tese nos dá subsídios para compreensão de mecanismos subjacentes à formação e transformação da estrutura psicológica e, nesse contexto, nos ajuda a elucidar a natureza dos processos pelos quais os sujeitos dos casos descritos estão submetidos em confronto com um determinado contexto; por outro, ainda nos deixa dúvidas sobre como ocorre o curso interno da compensação de um defeito.

Vejam os casos do cirurgião portador da Síndrome de Tourette; os sintomas já foram descritos na apresentação geral dos estudos. Mesmo diante de toda a “adversidade”, o cirurgião foi capaz de conduzir sua história de forma produtiva, encontrando meios extremamente singulares para superar e compensar seus “defeitos” em diversas esferas, desde sua vida profissional até sua vida pessoal. A questão é de que forma, na sua singularidade, o indivíduo é capaz de encontrar estes caminhos. Neste sentido, Vygotsky e Luria (1996) referem-se à construção de uma “superestrutura psicológica” que, através do uso cultural da função defeituosa, objetiva compensar ou substituir tais funções. Nesse panorama, poderíamos dizer que o defeito passa a ter função central e organizadora?

Em linha gerais, Um

antropólogo em Marte é um material extremamente rico, que traz, sobretudo, a dimensão humana pela qual o médico trata seus casos, apontando ainda, conforme descrito anteriormente, que não existe apenas um caminho ou uma forma de se tornar humano, levando-nos à reflexão sobre o papel das esferas singulares (individuais) e sociais nesse processo.

Referências bibliográficas

- BRAGA, L.W. (1995). *Cognição e paralisia cerebral*: Piaget e Vygotsky em questão. Salvador: Sarah Letras.
- LURIA, A.R. (1992). *A construção da mente*. São Paulo: Ícone
- VYGOTSKY, L.S. (1994). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____, (1993). *Problems of abnormal psychology and learning disabilities: the fundamentals of defectology*. New York: Plenum.
- VYGOTSKY, L.S., LURIA, A.R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Luciana de S.P. Alvarenga Rossi
Rede Sarah de Hospitais de
Medicina do Aparelho Locomotor,
São Luís - MA

Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 312 p.

Domenico Scandela, conhecido como Mennochio, nasceu em 1532 em Montereale, em uma pequena aldeia localizada nas colinas de Friuli. Dentro da comunidade em

que vivia, esse moleiro ocupava uma posição de destaque. Distintamente da imensa maioria camponesa paupérrima e analfabeta do século XVI, Mennochio era capaz de ler, escrever e somar, fatores que lhe permitiram tornar-se magistrado da aldeia e, depois, administrador da paróquia. Mesmo desfrutando de certa popularidade — nada consta que pudesse ter algum inimigo entre os habitantes da aldeia —, Mennochio foi denunciado em 1583 ao Santo Ofício “sob a acusação de ter pronunciado palavras heréticas e totalmente ímpias sobre Cristo”. De fato, as idéias defendidas por Mennochio na frente de seus conterrâneos, em pleno período da Contra-Reforma, soavam como música aos ouvidos dos inquisidores, ávidos por praticar suas diversas modalidades de tortura. Mennochio contestava a dominação e a riqueza da Igreja, que, em cumplicidade com a classe dominante, convivia ao lado de um povo miserável e explorado. Classificava o batismo como simples mercadoria, uma invenção dos homens que era utilizada por parte do clero como instrumento de opressão. Acreditava que amar ao próximo era mais importante do que amar a Deus e, por fim, recusava-se a aceitar que Cristo tivesse morrido para redimir a humanidade, uma vez que era apenas um homem como os demais. Se defender tais idéias em sua aldeia, em pleno auge da Inquisição, já constitui um fato notável, mais impressionante é a fidelidade, quase absoluta, que manteve às suas idéias diante do Santo Ofício. Não que ignorasse os perigos de ser julgado culpado pelo tribunal eclesiástico. Diversas vezes, durante o processo, tentou amenizar as críticas feitas, chegando a escrever cartas pedindo clemência. Em nenhum momento, contudo, negou o que disse. Mais do que isso,